

Elisabete do Rosário Mendes Silva

Instituto Politécnico de Bragança

Escola Superior de Educação

O socialismo de Orwell: uma Nova Proposta Social em Plena Segunda Guerra Mundial

A proposta social delineada por Orwell em 1941 com os objectivos de sarar muitas das feridas provocadas pela Segunda Guerra Mundial, eliminar os vícios que se arreigaram na sociedade e política britânicas durante séculos e, principalmente, encontrar soluções para resolver a situação problemática que a Grã-Bretanha vivia a todos os níveis, constituiu o principal conteúdo das partes II e III de *The Lion and the Unicorn*. Orwell escreveu essas duas partes, “Shopkeepers at War” e “The English Revolution” num contexto bastante peculiar. Em plena Segunda Guerra Mundial, o autor descreveu imagens de perigo iminente:

(...) I begin this second chapter in the added racket of the barrage. The yellow gun-flashes are lighting the sky, the splinters are rattling on the house-tops, and London Bridge is falling down, falling down, falling down (...) at the moment we are in the soup – full fathom five (...). (*apud* Davison 1998:409 vol. XII)

Perante o cenário de guerra, Orwell manifestou-se consciente da urgência em modificar o sistema socioeconómico e político da Grã-Bretanha. A crescente força dos regimes fascistas na Alemanha e na Itália, o desemprego em massa sentido na Grã-Bretanha e no resto da Europa e a crise industrial provocaram a necessidade de uma acção mais radical por parte do governo britânico. Orwell apresentou a sua proposta no sentido de libertar a Grã-Bretanha do capitalismo privado e do poder coercivo dos regimes totalitários. A solução residia no socialismo.

Na verdade, o socialismo defendido por Orwell traduzia-se em características bastante particulares, ou seja, Orwell não alinhou pelo socialismo que, entretanto, se

tornara oficial, um socialismo ortodoxo de raiz marxista. Orwell recusava aceitar a obediência passiva às regras marxistas:

(...) the real socialist is one who wishes (...) to see tyranny overthrown. But I fancy that the majority of orthodox Marxists would not accept that definition (...) to them, the whole Socialist movement is no more than a kind of exciting heresy-hunt (...) The Socialist movement has not time to be a league of dialectical materialists; it has got to be a league of the oppressed against the oppressors. (*apud* Davison 1998:206 vol.V)

Embora mantendo ideais de esquerda, Orwell não baseava os seus ideais socialistas em princípios económicos e políticos mas nas crenças liberal e humana (Meyers 2000:90).

Segundo George Woodcock, o socialismo de Orwell não se afigurava tão elaborado quanto o dos escritores ortodoxos de esquerda. Orwell parecia deter uma concepção pouco clara de uma sociedade socialista, além da vaga ideia de que o humanismo constituía a base principal do seu socialismo. O pragmatismo, a honestidade, a defesa da liberdade de expressão representavam marcas que o distinguiam de todos os outros socialistas (Woodcock 1946: 384-8).

Para perceber a peculiaridade do socialismo de Orwell torna-se necessário recuar um pouco no tempo e atentar na história do socialismo britânico e determinar os factores socioeconómicos e políticos que delinearão o movimento na Grã-Bretanha. O percurso político do socialismo foi, em definitivo, marcado pelas revoluções do século XVIII. A revolução industrial se, por um lado, pressupôs abundância e progresso, por outro, criou expectativas infundadas, causando inaptações e aumento dos oprimidos, permitindo o alastramento de focos de pobreza graves e falta de sanidade urbana. As revoluções americana e francesa puseram em marcha uma vaga de novas ideias na política, as revoluções agrária e industrial transformaram a vida da nação e trouxeram

uma combinação de prosperidade e miséria. Além disso, os franceses jacobinos e as guerras napoleónicas aceleraram a industrialização, mas retardaram as reformas políticas na Grã-Bretanha.

Não nos surpreende, então, que o início do século XIX estivesse imbuído de uma mudança dinâmica em que novas ideias fermentavam e polarizavam movimentos sociais reclamando por melhores condições de vida das classes mais desfavorecidas. O século XIX representou para David Thomson uma época em que se experimentou adaptar o homem industrial a uma sociedade democrática (Thomson 1950: 32-34). O século XIX tentou contornar as revoluções enveredando por uma linha reformista. Isso deveu-se, sobretudo, à aparente melhoria significativa de vida provocada pela industrialização e por um sistema capitalista que reduziu as probabilidades de revolução. Charles Tilly apresentou algumas razões justificativas para esse contorno da revolução:

(...) a criação de poderosas máquinas militares e imperiais, o sistema de governação indirecta recorrendo à alta burguesia e ao clero que prevaleceu até ao século XIX, poder crescente de um parlamento baseado na fusão do poder dos proprietários de terras e dos comerciantes e a cooptação de uma classe governante escocesa cada vez mais arrastada para as mesmas redes capitalistas em que os ingleses se encontravam, tudo isto se conjugou para reduzir a probabilidade de aparecimento de uma alternativa viável ao governo existente. (Tilly 1996: 171-2)

Porém, o progresso proporcionado pela expansão de uma economia industrial não se manteve uniforme, provocando sérias dificuldades sociais. Esses problemas trouxeram uma agitação revolucionária sem paralelo. As consequências mais graves da crise capitalista foram de ordem social. A transição para a nova economia criou miséria e descontentamento, os ingredientes para uma revolução social. Esta, nas palavras de Hobsbawm, eclodiu sob a forma de sublevações espontâneas dos explorados urbanos e

da indústria, e esteve na base das revoluções de 1848 no continente e do vasto movimento cartista na Grã-Bretanha (Hobsbawm 1982:58).

Entre 1789 e 1848, o owenismo e o cartismo vieram propor novas alterações no panorama político e social, iniciando todo um processo de luta em defesa das classes trabalhadoras.

Robert Owen desempenhou, sem dúvida, um papel influente na fundação das raízes do socialismo na Grã-Bretanha:

(...) he stimulated the organisation of labour and planted the tree of co-operation. The widest influence he exercised had to do with social reform, not socialism, and took effect in promoting factory legislation and popular education. (Shadwell 1987: 28)

Conhecido como um dos fundadores do Socialismo, Owen, juntamente com Saint-Simon e Fourier, lançaram um novo projecto alternativo à situação social da época, a primeira metade do século XIX. Seguindo as ideias racionalistas e liberais dos finais do século XVIII, pretendiam a criação de um sistema competitivo de livre concorrência entre organizações cooperativas solidárias. No entanto, Owen distanciava-se de Saint Simon e de Fourier, na medida em que procurava um equilíbrio entre a indústria e a agricultura, guiado por um ideal de harmonia de interesses tanto na produção como na distribuição da riqueza (Faria 1976: 532-533, 551). O socialismo utópico de Owen pretendia assim instituir um sistema social completamente renovado:

O socialismo de Robert Owen não assentava sobre a realidade da época: pretendia impôr-se, de cima para baixo, retirando às classes trabalhadoras a iniciativa espontânea de encontrar a sua identidade e vir a tomar as rédeas do poder por um processo de luta contra as classes dominantes; atribuía, por outro, às classes dominantes na generalidade, motivações e objectivos que esporadicamente se verificavam. (Faria 1976: 535)

Convencido de que a base que sustentava o sistema social estava errada, Owen introduziu o princípio do cooperativismo, acreditando que se os homens em vez de competir cooperassem uns com os outros alcançariam a tal harmonia de interesses e haveria riqueza para todos (Cole & Postgate 1971: 216). O cooperativismo de Owen teve o apoio de muitos trabalhadores e de muitos unionistas que reconheciam afinidades com Owen:

They, like Owen, were in revolt against the evils of capitalist, competitive society; they, like him were in search of a new social order based on the idea of human brotherhood. (Cole & Postgate 1971: 242)

O modelo owenita serviu de exemplo para a criação de sociedades cooperativas. James Watson, um dos mais distintos líderes dos Radicais da Classe Trabalhadora de Londres (*London-Working-Class Radicals*), e William Lovett lideravam a Sociedade Cooperativa de Londres (*London Co-operative Society*), fundada em 1824. Outras sociedades owenitas foram então criadas (Cole & Postgate 1971: 242).

Apesar de não ser uma ideia nova, o cooperativismo ganhou destaque com Owen que o difundiu como movimento social:

But none of the experiments in Co-operation before Owen seems to have been more than an isolated venture, or to have been animated by any conscious social philosophy. To Owen belongs the credit for starting co-operation as a social movement, with definite anti-capitalist aims and the hope of instituting a new “social system”. (Cole & Postgate 1971: 242-243)

Relativamente ao outro movimento de defesa dos trabalhadores atrás mencionado, o Cartismo, embora não se orientasse por premissas revolucionárias ou socialistas, o seu radicalismo impôs uma força distinta delineada pelas circunstâncias históricas na Grã-Bretanha (Tholfsen 1979:25). O Cartismo começou, de facto, a ganhar forma num contexto de conflitos sociais e ideológicos agravados por uma crise

económica. Dorothy Thompson assinalou alguns acontecimentos que marcaram decisivamente o início do movimento cartista:

The Irish Coercion Act, the emasculation of the Factory Act, the attacks on trade unions, all contributed to the disillusion felt by working-class radicals with the Reform Act and the administrations which followed it. (Thompson 1984: 24)

O protesto contra a nova lei dos pobres de 1834 (*New Poor Law*) representou de igual modo um factor determinante para a formação do Cartismo. A lei não era apenas uma ameaça para a classe trabalhadora, constituía também um símbolo da ideologia da classe média (Cole & Postgate 1971: 272-280).

Tendo como objectivo último a felicidade social, os cartistas, liderados por William Lovett e Francis Place, apresentaram uma carta (*The People's Charter*) de reivindicações políticas. Nela reclamavam o sufrágio universal, atribuindo importância ao factor humano e não à propriedade, reivindicavam o pagamento dos membros do Parlamento e exigiam o voto secreto, entre outras (Cole & Postgate 1971: 280).

Na procura do equilíbrio tentou-se a via do reformismo. A Lei da Reforma (*Reform Act*) de 1832 amenizou os desassossegos políticos ao satisfazer as exigências da classe média, prevendo inaugurar uma época de estabilidade. Contudo, assistiu-se também ao radicalismo das classes mais desfavorecidas e descontentes com a sua condição. Essa atitude continha não só protestos contra a fome e a necessidade, mas também a exigência de representatividade parlamentar. Não obstante, os movimentos que reclamavam reformas parlamentares defendiam a propriedade (entenda-se propriedade como bens físicos, visíveis: e.g. terras, casas) como chave do prestígio social e político. Deste modo, o elemento propriedade adquiria representatividade em detrimento das pessoas vulgares.

A essência dos movimentos que reclamavam reformas parlamentares baseava-se na reivindicação de novas formas de riqueza para garantir a propriedade como chave do prestígio social e político. Deste modo, a propriedade adquiria representatividade no Parlamento em vez das pessoas (Thomson 1950:57). Os radicais, herdeiros das ideias de Paine e da revolução francesa, reclamavam o sufrágio universal, facto que se concretizou apenas em 1928. Todas essas reformas, aliadas às reformas socioeconómicas, adquiriram alguma força na medida em que enfraqueceram o poder das classe proprietárias que se notabilizaram no século XVIII, a aristocracia e a *gentry*.

Em 1836, William Lovett fundou a Associação dos Trabalhadores de Londres (*The London Working Men's Association*). O seu objectivo passava pela promoção da candidatura dos trabalhadores ao Parlamento pela defesa dos interesses dos sindicatos que começavam a adquirir alguma importância para os parlamentares. David Thomson caracterizou-o como um movimento trabalhista e não revolucionário ou socialista, pretendendo implantar reformas sociais e políticas na sociedade britânica (Thomson 1950: 146-7). Por volta de 1880 essa associação perdeu fulgor, sendo substituída pela Liga de Representação Trabalhista (*Labour Representation League*):

In 1869, a more extensive organisation, the Labour Representation League, was set up with the object, among other things, of promoting the registration of the working-class vote “without reference to opinion or party bias”. But the League’s task was a difficult one, for it had not the finance to make its candidatures a success. (Pelling 1965: 2)

Segundo Arthur Shadwell, na segunda metade do século XIX, os movimentos socialistas ou que se delineavam como socialistas, assumiam mais pragmatismo e determinação no intuito de ver concretizadas reivindicações já há muito reclamadas:

(...) the spirit was totally different; benevolence was superseded by bitterness, the motive of sympathy with the poor was overshadowed by hatred of the rich, the idea of co-operation was replaced by conflict, the voluntary principle by the compulsory (...) Intellectually, free speculation

gave place to rigid dogma, religious or ethical influences to pure materialism (...) in methods, the idea of force was introduced, and for gradual and evolutionary change more or less sudden and revolutionary action was substituted. (Shadwell 1987: 50)

Na última metade do século XIX, o poder político efectivo dos sindicatos aumentava. O crescimento da indústria, a melhoria das condições de trabalho e a extensão da rede educativa mantiveram viva essa força (Pelling 1965: 7). Contudo, em 1880, o socialismo na Grã-Bretanha constituía um movimento ainda pouco estruturado. A Federação Social-democrata (*Social Democratic Federation*), criada em 1881 e fundada nos clubes radicais dos trabalhadores, mantinha princípios puramente radicais, defendendo um único ponto socialista, a nacionalização da terra (Cole & Postgate 1971: 415).

A Liga Socialista (*The Socialist League*) de William Morris surgiu quatro anos mais tarde, em 1885. Morris acreditava que a principal função do socialista consistia na educação das pessoas para a inevitável mudança que traria uma nova sociedade onde não existiria exploração capitalista nem horrores industriais:

Morris disagreed with those who favoured Parliamentary action, that is to say, efforts to put socialists on public bodies, because he thought that this would encourage the self-seeker and threaten the purity of the socialist ideal with the corruption or compromise inevitably involved in politics. (Cole & Postgate 1971: 31)

Outros grupos de socialistas, sem filiação na Federação Social Democrata ou na Liga Socialista surgiram no panorama político britânico. A Sociedade Fabiana (*The Fabian Society*) fundada em 1884 era no essencial constituída por membros da classe média e intelectuais burgueses londrinos (McBriar 1966: 6). Liderada por George Bernard Shaw, Sidney e Beatrice Webb, o movimento relatava, para Henry Pelling, a dimensão da pobreza mas não oferecia soluções (Pelling 1965: 31). Apresentou, no

entanto, algumas propostas concretas que visavam uma mudança gradual do estado de coisas. Destas destacavam-se a extensão da democracia, a melhoria do governo democrático e uma acção governamental positiva para promover a igualdade dos direitos do homem e da mulher (McBriar 1966: 25-28).

O nascimento do Partido Trabalhista Independente Parlamentar (*Independent Labour Party*) representou um acontecimento de extrema importância na história do socialismo. Na tentativa de unir as organizações trabalhistas num só partido nacional, seguindo o exemplo da Federação Intersindical TUC (*Trades Union Congress*) (1868-70), mas numa escala maior, surgiu o Partido Trabalhista Independente. A conferência inaugural em 1893 firmou o início do Partido:

The decision to leave the title as 'Independent Labour Party' reflected an awareness of the origins and roots of the party in the local labour unions and parties, some of which were not explicitly committed to socialism. The primary object of these bodies was to build a Parliamentary Party on the basis of a programme of labour reform, and the principal allies of this party were to be, not the existing socialist societies, which were insignificant, but the trade unions, whose leaders were in most cases still to be converted to the independent policy. (Pelling 1965: 118)

Distanciando-se das sociedades socialistas mais antigas, o Partido Trabalhista Independente considerava os meios de acção política de extrema importância e uma abordagem teórica deu lugar a uma mais prática. O principal objectivo socialista do Partido Trabalhista Independente, liderado por Keir Hardie, passava pela nacionalização da terra e de todos os meios de produção, distribuição e troca. Defendia ainda uma educação gratuita para todos, desde a primária até à universidade. Segundo Henry Pelling, a relação próxima entre os trabalhistas e os movimentos sindicais e entre os movimentos radicais e liberais, fundaram as bases para o desenvolvimento do socialismo liberal (Pelling 1965: 119).

Em 1900, Ramsay MacDonald formou o Grupo de Representação Trabalhista (*Labour Representation Committee*) que surgiu de discórdias existentes entre alguns grupos sindicais. Esta nova associação representava uma aliança de forças na qual os socialistas constituíam uma pequena fracção. Começava, assim, a delinear-se o que acabaria por chamar-se Partido Trabalhista (*Labour Party*). Este só se estabeleceu no Parlamento em 1906 com a eleição de trinta membros do Partido. No entanto, só em 1918 adoptou o socialismo como uma doutrina política. As principais dificuldades iniciais do Partido Trabalhista resultaram do apoio declarado do Partido Trabalhista Independente aos Liberais:

Ramsay MacDonald, whom Hardie described as the Party's great intellectual asset; sided with the Liberals against the Fabian 'old gang' on almost every immediate issue of the time. (Pelling 1965: 226)¹

As guerras da primeira metade do século XX impuseram mudanças significativas quanto à posição do socialismo na Grã-Bretanha. O Partido Trabalhista, assumindo a liderança na segunda metade da década de quarenta dentro das alternativas socialistas, adoptou a política gradual de proceder a nacionalizações e delineou um sistema de segurança social:

In the final analysis the Labour left was divided and posed less of a threat to the policies of Attlee's Labour governments than is often supposed (...) The history of the Labour Party from 1945 to 1951 was far from being 'strife free' as it continued to reform capitalism rather than bring a socialist state into being. (Laybourn 1997: 160)

Orwell criticou a dependência do Partido Trabalhista relativamente ao capitalismo uma vez que surgia como um movimento sindicalista. Essa dependência conduzia o Partido não a verdadeiras mudanças no regime mas apenas a reformas. Porém, o Partido Trabalhista constituía ainda o partido mais credível na disseminação

dos valores socialistas: “In England there is only one Socialist party that has ever seriously mattered, the Labour Party.” (*apud Davison 1998: 418 vol. XII*)

Para Orwell, o socialismo revelava-se a opção necessária para suprir o comunismo, tal como o capitalismo substituiu o feudalismo (*apud Davison 1998: 459 vol. XII*). O autor considerava urgente que o verdadeiro socialista reequacionasse a Inglaterra enquanto país extremamente unido e em que a diferença social diminuía de uma forma gradual. Essas predisposições sociais aliadas à própria guerra, tornariam possível a passagem da teoria socialista para a prática. Orwell apresentou um plano de acção no qual expos os objectivos da sua doutrina política.

O primeiro ponto desse programa dizia respeito às nacionalizações. Essas deveriam ser inicialmente parciais e só numa fase posterior corresponderiam totalmente à ideologia por ele defendida. A partir do momento em que todos os bens produtivos fossem declarados propriedade estatal o povo sentir-se-ia identificado com o Estado.

O segundo ponto relacionava-se com a atenuação da rígida estrutura social através de uma limitação na diferença de rendimentos. O autor entendia que não seria possível (pelo menos nesse momento) que todos auferissem ordenados iguais, admitindo a necessidade de se sentir uma certa recompensa monetária por parte de alguns trabalhadores mediante o tipo de emprego. Não encontrava, porém, fundamento para a disparidade salarial superior à de dez para um.

O terceiro ponto referia-se ao sistema educativo. Orwell frisava a impossibilidade de pôr, desde logo, em prática o seu projecto devido à guerra. No entanto, justificava-se introduzi-lo de imediato, abolindo a autonomia das “public schools” e das universidades mais antigas, permitindo, através de ajudas estatais, a frequência destas por alunos de classes mais desfavorecidas. Este projecto pretendia nivelar o sistema educativo, a cargo exclusivo do Estado. A maioria das escolas

privadas seriam abolidas, pois representavam o entrave maior para o direito a uma educação justa e igualitária para todos os jovens.

O quarto ponto abordava uma questão de política externa. Orwell advogava o estatuto de domínio para a Índia, com o direito de secessão quando a guerra acabasse. A Inglaterra deveria colocar a Índia a um nível igual ao seu, não a subjugando mas mantendo com ela uma relação de interdependência. A ruptura total significaria prejuízos irremediáveis tanto para a Índia, devido às suas insuficiências técnicas e militares, como para a Grã-Bretanha:

Britain cannot become a genuinely socialist country while continuing to plunder Asia and Africa; while on the other hand no amount of nationalisation, no cutting-out profits and destruction of privilege, could keep up our standard of living if we lost all our markets and our sources of raw materials at one blow. (*apud* Davison 1998: 340 vol. XVII)

Relacionado com o quarto ponto surgiam o quinto e o sexto do programa, a formação de um conselho imperial geral incluindo as pessoas de cor e a declaração de uma aliança formal com a China, Abissínia e todas as outras vítimas dos poderes fascistas, respectivamente. Nestes dois pontos, Orwell reforçava a ideia de democracia e luta contra os totalitarismos.²

A guerra resultaria, portanto, numa união das massas contra o fascismo, causando, de uma forma inevitável, importantes mudanças sociais e políticas. Essa passagem implicava destronar os pró-fascistas do poder e acabar com as injustiças sociais, lutando com e pela classe trabalhadora:

We cannot win the war without introducing socialism, nor establish socialism without winning the war. (...) a socialist movement which can swing the mass of people behind it (...) wipe out the grosser injustices (...) win over the middle classes instead of antagonizing them, produce a workable imperial policy instead of a mixture of humbug and utopianism,

bring patriotism and intelligence into partnership – for the first time, a movement of such kind becomes possible. (*apud* Davison 1998: 421 vol. XII)

A classe trabalhadora representava para o autor a verdadeira decência, cujo modo de vida tornara o socialismo possível. A experiência vivida em Wigan despertou o autor para a compatibilidade entre o socialismo e a decência comum. Testemunha de uma grande pobreza e de condições de trabalho e vida miseráveis, Orwell apercebeu-se das diferenças sociais que continuavam a existir na Inglaterra. Todavia, na sua proposta expressa em *The Lion and The Unicorn*, Orwell depositava a esperança numa nova classe média, consequência do capitalismo, formada por técnicos, médicos e empregados do Estado, entre outras profissões especializadas. A classe trabalhadora apenas surgiu como exemplo concreto da melhoria de vida causada, afinal, pela industrialização que Orwell considerava incompatível com o socialismo. O desenvolvimento da classe média correspondia ao progresso do país e à consequente e inevitável igualdade de classes:

However unjustly society is organized, certain technical advances are bound to benefit the whole community, because certain kinds of goods are necessarily held in common. A millionaire cannot, for example, light the streets for himself while darkening them for other people. (*apud* Davison 1998: 407 vol. XII)

Orwell não especificou, no entanto, como essa classe desempenharia o papel de líder no processo revolucionário por si delineado.

O socialismo de Orwell equivalia a um mundo eficiente e ordenado, a um mundo sem diferenças sociais (*apud* Davison 1998: 176 vol. V). O socialismo revelava-se a única força capaz de desviar o fascismo da sua ascensão:

Socialism is the only real enemy that fascism has to face. The Capitalist-imperialist governments, even though they themselves are about to be

plundered will not fight with any conviction against Fascism as such. (...) The only thing for which we can combine is the underlying ideal of socialism: justice and liberty. (...) Socialism, at least in this island, does not smell any longer of revolution and the overthrow of tyrants; it smells of crankishness, machine-worship and the stupid cult of Russia. Unless you can remove that smell, and very rapidly, Fascism may win. (*apud* Davison 1998: 200-201 vol. V)

A Segunda Guerra Mundial proporcionou, desde logo, as condições favoráveis para a urgência de combater os regimes totalitários. A resposta residia numa revolução socialista que, para Orwell, expressava claramente, por um lado, a decência britânica e, por outro, um sistema político preocupado em otimizar o uso dos recursos através da centralização de poderes. A revolução socialista não destruiria o conceito de família mas substituiria os que controlavam as fortunas das famílias (Ingle 1993: 73). A guerra tornara a revolução numa possibilidade real. Para o autor, as desigualdades sociais só seriam corrigidas através de uma revolução liderada pela classe trabalhadora:

It is only by revolution that the native genius of the English people can be set free. Revolution does not mean red flags and street fighting, it means a fundamental shift of power. (...) what is wanted is a conscious open revolt by ordinary people against inefficiency, class privilege and the rule of the old. (*apud* Davison 1998: 415 vol. XII)

A guerra civil de Espanha confirmou a crença de Orwell de que somente a classe trabalhadora, e não os intelectuais, representava o verdadeiro inimigo do fascismo. Também durante a Segunda Guerra Mundial, Orwell transferiu para a classe trabalhadora britânica a esperança de destruir a classe fascista governante e estabelecer uma sociedade igualitária (Ingle 1993: 72).

A revolução proposta por Orwell, mais do que um choque social proporcionado por um golpe de Estado, constituía um movimento de massas que implicava uma mudança social gradual. A revolução tornava-se inevitável perante a conjuntura social e

política no início da década de quarenta. A guerra e a revolução surgiam assim intimamente ligadas. Para vencer a guerra e, conseqüentemente, derrubar Hitler deveria consolidar a revolução (*apud Davison 1998: 418 e 345 vol XII*). Orwell justificou a revolução como um meio de alcançar progresso moral:

Revolutions have to happen, there can be no moral progress without drastic changes, and yet the revolutionary wastes his labour if he loses touch with ordinary human decency (...) we must be able to act, even to use violence, and yet not be corrupted by action. In specific political terms, this means rejection of Russian Communism on the one hand and Fabian gradualism on the other. (*apud Davison 1998: 60 vol. XVIII*).

Consciente do tempo, do espaço e do cenário social, Orwell desenhou a possibilidade de uma revolução que significava uma mudança radical no estado de coisas. Todavia, o que Orwell propôs e o que a seguir apresentou divergiam no conteúdo, logo contradizendo a ideia de revolução. Ou seja, o conceito de revolução baseia-se no corte brusco e permanente com tradições sociais passadas. No que diz respeito à política, a ideia surge associada a uma alteração violenta (Ritter 1986: 388). A revolução procura um novo começo, uma nova ordem na estrutura social (Kramnick 1972: 31).

Orwell deambulava porém entre um espírito revolucionário e uma ansiedade reformista:

Yet at the same time Orwell shies away from revolution in *The Lion and The Unicorn*. If in one passage he sounds like a Trotsky demanding quick, violent action, in another he is an early Shaw calling for peaceful reform. (...) A less fiery Orwell claims that revolution does not mean crimson banners and shooting in the streets (...). (Smyer 1979: 102-3)

Em 1941, Orwell, envolvido no fervilhar dos acontecimentos, não soube equacionar as duas componentes de uma revolução: a situação revolucionária e o resultado revolucionário.³ Existia, de facto, um leque de causas propiciatórias que

preparava o caminho para a revolução. A guerra proporcionava e acelerava esse processo, apesar de não ser condição exclusiva para a revolução. Contudo, Orwell errou no resultado. Os britânicos não perderam a guerra, mas o socialismo tal qual ele o delineara não foi implementado. A transferência de poder para o Partido Trabalhista em 1945 significava uma nova coligação governamental, mas os pressupostos políticos mantinham-se os mesmos. Apenas se procederam a algumas alterações, tal como a nacionalização de algumas indústrias, que constavam do programa de Orwell, mas que outros já tinham defendido, nomeadamente Keynes e Beveridge.

Em 1945, consciente do paradoxo da revolução que mostrava a necessidade de uma consciência política para o sucesso da revolução e vice-versa, Orwell escreve em 1945 *Animal Farm*, demonstrando a enorme disparidade entre os ideais da revolução e os resultados posteriores obtidos na sociedade. O paradoxo da revolução pode ser clarificado na seguinte situação: O idealismo e a energia comunal da revolução pode, numa fase posterior, desvanecer-se e o egoísmo e a falta de escrúpulos podem sobrepor-se à revolução, recriando o mesmo tipo de sociedade e de exploração social que a revolução tentou combater.

Foi precisamente essa falta de consciência política por parte das massas que impediu um resultado revolucionário desejado:

It would be absurd to imagine that Britain is on the verge of violent revolution, or even that the masses have been definitely converted to Socialism. Most of them don't know what socialism means, though public opinion is quite ready for essentially socialistic measures such as nationalization of mines, railways (...) it is doubtful whether there is any widespread desire for complete social change. (*apud* Davison 1998: 339-340 vol. XVII)

Devemos ainda acrescentar que as massas não representavam o público leitor dos ensaios de Orwell. A grande maioria da classe trabalhadora não sabia ler nem

escrever. Orwell escrevia para o sector mais esclarecido da classe trabalhadora, a pequena burguesia, e para a classe média, criticando a sua apatia e ignorância quanto ao que se passava na realidade. Os ensaios políticos de Orwell eram animados pelo objectivo político de alertar essas classes para os perigos do regime fascista e de oferecer soluções para o estado crítico em que a Inglaterra se encontrava.

A dúvida mais premente de Orwell em relação ao socialismo resultou do seu pessimismo natural. Orwell duvidava de que alguma vez os seres humanos pudessem viver num estado de igualdade. As distinções de classes marcaram tanto as suas experiências de vida, quer na escola, em Burma ou no seu regresso a Inglaterra, que se tornava difícil acreditar na possibilidade da sua extinção (Zwerdling 1974: 76). Além disso, no seu programa, Orwell também demarcara essas mesmas diferenças, não apresentando uma proposta alternativa que viabilizasse a igualdade plena.

Stephen Ingle apresentou duas linhas de crítica que descreveram o percurso e as mudanças de Orwell. A primeira defendia que Orwell não foi mais do que um moralista tentando alcançar a igualdade social, mas a quem faltava coerência intelectual e profundidade analítica. A segunda afirmava que Orwell abandonara o optimismo de *The Road to Wigan Pier* e *Homage to Catalonia* para um individualismo pessimista e anti-socialista de *Animal Farm* e de *Nineteen-Eighty Four*. De acordo com estes argumentos, Orwell era superficial ou inconsistente ou possivelmente ambos (Ingle 1993: 107).

No entanto, dúvidas permanecem quanto ao pessimismo de Orwell. Se, por um lado, o autor reconheceu a dificuldade de implementar um verdadeiro regime socialista, por outro, continuava a acreditar nos valores da solidariedade, igualdade, decência e justiça social. Orwell defendia os ideais de um socialismo democrático. O que mudou decisivamente foi a crença que tal realidade se pudesse concretizar:

He was unlike other socialists in that he finally did not believe his ideals would be, or could be, realized, and it is this fact which makes his political ideas and attitudes toward the end of his life so heterodox and accounts for their odd tangle of conservative and radical strands. (Zwerdling 1974: 112-113)

Orwell acreditava ainda, apesar das críticas à classe governante, que a Inglaterra revelava constituir o único país europeu onde a política interna era conduzida de uma forma humana e decente: “It is the only country where armed men do not prowl the streets and no one is frightened of the secret police.” (*apud* Davison 1998: 222 vol. XVI).

Podemos então questionar a necessidade que Orwell apresentou de transformar a nação “from top to bottom”, quando as coisas aparentavam alguma tranquilidade e segurança, quando o sistema político não parecia tão mau quanto isso, comparando-o com outros países europeus. O uso da palavra revolução é também questionável, se tradições e anacronismos existentes na sociedade britânica continuavam a subsistir. Orwell, a nosso ver, parecia pouco seguro no delinear da sua revolução, cujo programa apostava em mudanças graduais mas que pouco alteravam o estado de coisas:

It will leave anachronisms and loose ends everywhere, the judge in his ridiculous horsehair wig and the lion and the unicorn on the soldier's cap-buttons. (...) It will group itself round the old Labour Party and its mass following will be in the Trade unions, but it will draw into it most of the middle class and many of the younger sons of the bourgeoisie. (...) It will disestablish the church, but will not persecute religion. (*apud* Davison 1998: 427 vol. XII)

Todavia, Orwell demonstrou otimismo e esperança numa Inglaterra que, mesmo sofrendo as consequências da guerra, mantinha as marcas da cultura popular que a caracterizava como uma nação distinta:

We had hell's own bombing last night, huge fire raging all over the place and a racket of guns that kept one awake half the night. But it doesn't matter, the hits were chiefly on theatres and fashionable shops, and this morning it is a beautiful spring day, the almond trees are in blossom, postmen and milkcarts wandering to and fro as usual, and down at the corner the inevitable pair of fat women gossiping beside the pillar-box. (*apud* Davison 1998: 478 vol. XII)

O programa político de Orwell apresentava-se consentâneo com a situação de crise que a Grã-Bretanha enfrentava. Algumas das propostas mostravam validade, sendo os objectivos últimos o progresso da nação e a igualdade entre classes. Contudo, ao contrário do que Orwell afirmara, a estrutura da sociedade continuava bem distinta. Poder-se-iam apenas atenuar algumas diferenças sociais, mas revelava-se impossível colmatar por completo o fosso existente entre ricos e pobres. A própria visão de Orwell da sociedade inseria-se também numa perspectiva organicista do todo social. A estrutura social implicava padrões normativos como a estrutura da família, a estrutura das instituições e a organização da produção. As características nacionais constituíam parte integrante da orgânica da sociedade. As tradições manter-se-iam e a vida seguiria o seu rumo normal sustentada em valores do passado. A renovação proposta por Orwell parece assim um pouco inconsistente, apesar de inovadora.

No seu programa político, Orwell aproveitou a força do patriotismo, alegando que os socialistas deveriam usar esse elemento da mitologia como uma forma de ganhar apoio. Como defensor de um programa que alterasse o estado de coisas numa Inglaterra em crise, Orwell foi considerado o profeta secular do socialismo. O autor tentou comunicar com os leitores através da sua escrita, instrumento adequado para um discurso profético.

Em suma, o socialismo de Orwell apresentou-se como um socialismo liberal, mas ao mesmo tempo não se conseguia deslindar de marcas conservadoras, de um lado

Tory, presente na admiração pelo campo, no profundo patriotismo que sempre deixou transparecer nos seus ensaios políticos e na nostalgia pelo período eduardiano, época gloriosa para Orwell. Esta oscilação entre a acomodação ao *statu quo* e a intenção romântica de mudar o mundo constituem, assim, reflexos patentes da complexidade de Orwell. No entanto, podemos atribuir a Orwell o mérito de ter guiado sempre a sua vida pela defesa dos mais desfavorecidos, existindo sempre a preocupação de tornar clara a sua posição relativamente a conceitos como nacionalismo, patriotismo, socialismo e carácter nacional que constituíram grande parte dos seu programa político.

NOTAS

¹ Veja-se ainda a p. 222.

² O programa político de Orwell encontra-se em *The Lion and the Unicorn*, pp. 422-426.

³ Sobre este assunto veja-se a seguinte obra: Charles Tilly, *As Revoluções Europeias 1492-1992*, trad. Eduardo Nogueira, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 31-39.

OBRAS CITADAS

Primária:

ORWELL, George, *The Lion and the Unicorn*, vol. XII in DAVISON, Peter (ed.) (1998), *The Complete Works of George Orwell*, 20 vols., London, Secker & Warburg, pp. 391-434.

_____, *The Road to Wigan Pier*, CW, vol. V.

_____, “Will Freedom Die With Capitalism”, CW, vol. XII, pp. 458- 464.

_____, “The British General Election”, CW, vol. XVII, pp. 335- 341.

_____, “What is Socialism”, CW, vol. XVIII, pp. 60-63.

_____, “Our Opportunity”, CW, vol. XII, pp. 343-350.

_____, *London Letter*, CW, vol. XII, pp. 470- 479.

_____, *The English People*, CW, vol. XVI, pp. 199-228.

Secundária:

INGLE, Stephen (1993), *George Orwell. A Political Life*, Manchester, Manchester University Press.

MEYERS, Jeffrey (2000), *Orwell. Wintry Conscience of a Generation*, New York, Norton.

SMYER, Richard I. (1979), *Primal Dream and Primal Crime. Orwell's Development as a Psychological Novelist*, Columbia & London, University of Missouri Press.

WOODCOCK, George (1975), "George Orwell, 19th Century Liberal" in Jeffrey Meyers (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London and Boston, Routledge & Kegan Paul, pp. 384-8.

ZWERDLING, Alex, *Orwell and the Left*, New Haven and London, Yale University Press, 1974.

Geral:

COLE, G.D.H. & POSTGATE (1971), Raymond, *The Common People. 1746-1946*, London, Methuen.

FARIA, Luísa Leal (1976), "Owen e o Socialismo Inglês", *Brotéria. Cultura e Informação*, vol. 102, n.º 5/6, Lisboa, Livraria Apostolado da Imprensa, Maio-Junho, pp. 532-551.

HOBBSAWM, E.J. (1982), *A Era das Revoluções 1789-1848*, trad. António Cartaxo, Lisboa, Editorial Presença.

KRAMNICK, Isaac (1972), "Reflections on Revolution: Definition and Explanation in Recent Scholarship" in *History and Theory*, II, pp. 26-63.

LAYBOURN, Keith (1997), *The Rise of Socialism in Britain. 1881-1951*, Gloucestershire, Sutton.

MCBRIAR, A.M. (1966), *Fabian Socialism & English Politics 1884-1918*, Cambridge, CUP.

PELLING, Henry (1965), *Origins of the Labour Party 1880-1900*, Oxford, Clarendon Press.

SHADWELL, Arthur (1987), *The Socialist Movement, 1824-1924*, London, Philip Allan.

THOLFSEN, Trygve (1979), *Working Class Radicalism in Mid-Victorian England*, New York, Columbia University Press.

THOMPSON, Dorothy (1984), *The Chartists. Popular Politics in the Industrial Revolution*, New York, Pantheon Books.

THOMSON, David (1950), *The Pelican History of England. England in the Nineteenth Century*, vol. 8, Harmondsworth, Penguin.

TILLY, Charles (1996), *As Revoluções Europeias 1492 - 1992*, trad. Eduardo Nogueira, Lisboa, Editorial Presença.